



Principais lições aprendidas com o emprego do contingente de Engenharia de Força de Paz no Haiti (BRAENGCOY)

2º Sgt Eng nº - 402 – **AUGUSTO GONÇALVES DE ALMEIDA**

2º Sgt Eng nº - 416 – **AFLAUDÍZIO PEREIRA ROCHA NETO**

2º Sgt Eng nº - 421 – **GABRIEL JAMES ARAÚJO LEAL**

2º Sgt Eng nº - 424 – **CARLOS ALBERTO CAMPOS DE ARAÚJO JÚNIOR**

Orientador: 1º Sgt Eng Benedito Silva da Rocha Junior

RESUMO

O presente ensaio acadêmico tem por objetivo delinear as principais lições aprendidas com o emprego da Companhia de Engenharia de Força de Paz (BRAENGCOY) no Haiti e as principais contribuições doutrinárias desta atuação. Para tanto, será realizado uma análise descritiva da experiência adquirida pela BRAENGCOY, por meio de trabalhos acadêmicos de militares que estiveram na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, em especial os que fizeram parte da Companhia de Engenharia de Força de Paz, entre 2005 e 2017. Além disso, serão analisados estudos realizados pelo Centro Conjunto Operações de Paz do Brasil (CCO-PAB), o resultado prático deste ensaio foi o de evidenciar o papel decisivo da Engenharia Brasileira nesta Missão de Paz, trazendo também as orientações doutrinárias da ONU para o melhor emprego da Engenharia em futuras missões de paz.

Palavras-chave: Engenharia. Haiti. Nações Unidas.

1 INTRODUÇÃO

O Haiti é um país do continente americano, localizado em uma ilha no mar do Caribe,

sendo o terceiro maior país da região em área e em população (27.750 km² e 10,4 milhões de habitantes). Inicialmente o seu território era habitado por indígenas, mas sofreu ocupação por parte dos espanhóis e, séculos depois, dos franceses. Em 1791 iniciou-se uma rebelião de escravos, a única que obteve vitória desde a Antiguidade, culminando na sua independência em 1804. Desde então o país se demonstrou muito instável nos aspectos sociais, políticos e econômicos, com muitos episódios de violência em sua história. O Haiti é, atualmente, o país mais pobre das Américas.

Nesse contexto de violência e abusos, a Organização das Nações Unidas (ONU) monitorou e atuou para mudar a realidade desta localidade desde 1990. Diversas missões internacionais de paz ocorreram até o início da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) no ano de 2004. A Resolução 1524 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, baseada nas regras dispostas no Capítulo VII da Carta da ONU, criou a MINUSTAH. A composição inicial era de 6700 militares, oriundos de diversos países como: Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Jordânia, Nepal, etc. Além disso, havia também uma força policial internacional que contava com 1622 funcionários.



Inicialmente o Exército Brasileiro contribuiu com o Batalhão de Infantaria de Força de Paz – BRABAT.

A Companhia de Engenharia de Força de Paz (ou Brazilian Engineering Company – BRAENGCY) iniciou a sua atividade em 9 de junho de 2005, com um efetivo de 150 militares, alcançando o seu auge de efetivo em 2009, com 250 militares. A BRAENGCY se mostrou essencial em diversas fases da missão. Primeiramente trabalhando em prol da mobilidade de tropa que atuaria na estabilização e pacificação, principalmente na desobstrução de vias. Em um segundo momento, a Engenharia atuou nas obras de infraestrutura e atividades de apoio à população (construção de escolas, asfaltamento, perfuração de poços etc).

Importante salientar o antagonismo da atuação da engenharia nas diversas fases da Missão, pois, a Companhia atuou no apoio a mobilidade, caracterizando desta forma sua vertente de combate, quando se notabilizou atuando no apoio a população haitiana. Desta forma a dimensão humana foi a que mais esteve evidente, devido a grande volatilidade e dinâmica de trabalhos, suscitando desta forma o profissionalismo característico do militar de engenharia e ainda materializando um dos lemas mais marcantes do Exército Brasileiro que é o “Braço forte, mão amiga”.

Desta forma, com o término da missão em 2017 e entendendo que as operações militares estão em constante evolução, este ensaio busca iniciar reflexões sobre o que aprendemos, especificamente tratando sobre a BRAENGCY. Com o objetivo de apresentar, de maneira geral, possíveis soluções para algumas dificuldades enfrentadas durante o transcorrer da exitosa missão, baseando-se na problemática da tríade de emprego que norteia a Arma de Engenharia do Exército Brasileiro: o pessoal, o material e a doutrina.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Durante os mais de treze anos da presença militar brasileira na MINUSTAH, o Brasil contribuiu com cerca de 37 mil militares e policiais uniformizados, o equivalente a 69% do total de enviados às missões no exterior na história do país – cerca de 57 mil (HAMANN, 2017). De acordo com o General de Divisão Floriano Peixoto Vieira Neto, a experiência brasileira no Haiti pode ser dividida nas seguintes fases: de 2004 a 2005, ambientação, engajamento inicial, reordenamento da estrutura operacional e treinamento; de 2005 a 2007, pacificação; de 2007 a 2009, consolidação da pacificação; em 2010, terremoto; e de 2010 a 2017, recuperação pós-terremoto e retorno do país à normalidade (VIEIRA NETO, 2017).

Para entender o emprego de engenharia em uma missão como essa, pode-se recorrer ao manual de campanha “A ENGENHARIA NAS OPERAÇÕES”, que exemplifica situações de operações sob a égide de organismos internacionais. Segundo o manual:

“As principais tarefas a serem desenvolvidas pela Engenharia, em prol dos contingentes militares e, possivelmente, da população local englobam:

- a) reconhecimentos - de estradas, pontes, instalações e fontes de água;
- b) estradas - restabelecimento das ligações entre as principais localizações da área de operações;
- c) pontes - construção, reparação e manutenção de pontes de equipagem e semipermanente, com material próprio ou cedido pela Organização Internacional/Governo do País (OI/GP), e de pontes permanentes com apoio, em material, do país anfitrião;
- d) organização do terreno - executar trabalhos, particularmente de desminagem;
- e) instalações - apoiar o estabelecimento das instalações necessárias ao cumprimento da missão da força de paz. (BRASIL, 2018, p.43).



A Figura 1 ilustra a atuação do 23º contingente da BRAENGCYOY na perfuração de poços artesianos, exemplificando uma das tarefas desenvolvidas pela Engenharia.



Fonte: Revista BRAENGCYOY 23.

A composição da Organização Militar (OM) varia de acordo com as características da missão, mas, em princípio, deverá ser constituída por elementos de comando e apoio, manutenção e suprimento de água, combate, construção e pontes.

Também podemos destacar três atividades características da arma de Engenharia: efetuar operações de desminagem; realizar a destruição de material bélico capturado ou apreendido; e realizar trabalhos de engenharia de construção (BRASIL, 2013).

O Gen Div André Luís Novaes Miranda destaca nesse trecho as atividades desempenhadas pela engenharia em apoio ao Batalhão Brasileiro de Força de Paz (BRABATT) na pacificação de Bel Air:

Como apoio ao combate, desobstruiu inúmeras vias, fechando fossos e removendo carcaças e barricadas, muitas vezes sob fogo das forças adversas. Também fortificou muitas posições, como os pontos fortes, guaritas de bases de combate e postos de observação, e interditou ruas por meio de

lançamento de obstáculos diversos. Durante as inúmeras operações, também atuou em ACISO, removendo lixo e entulho das ruas, conquistando o apoio da população. Como instrumento do apoio logístico, realizou diversas obras nas bases, auxiliou na purificação de água, operou, inicialmente, a lavanderia, carregou e descarregou aeronaves e contêineres, melhorou as condições de diversas vias, além de uma gama enorme de pequenas outras obras e instalações. (MIRANDA, 2017, p. 51).

2.1 A Companhia de Engenharia de Força de Paz do Haiti

De maneira geral a Companhia esteve assim composta: estado maior, 01 (um) pelotão de comando, 01 (um) pelotão de apoio, 01 (um) pelotão de engenharia de construção vertical e 01 (um) pelotão de engenharia de construção horizontal.

Em um primeiro momento o contingente brasileiro no Haiti preocupou-se em



garantir sua segurança por intermédio da instalação de sua base. Criando, desta forma, um ambiente seguro para o planejamento e desenvolvimento de suas atividades.

Um fator fundamental para o sucesso das operações da engenharia é o material. Durante o período que antecedeu o desdobramento do contingente em solo haitiano, o Exército Brasileiro investiu consideráveis recursos financeiros para a aquisição de equipamentos de engenharia e de meios para sustentação da tropa. A intenção era proporcionar à Cia E F Paz as melhores condições para manter-se empenhada no desafio da reconstrução do Haiti, dirimindo os óbices para toda a tropa.

Além disso, o fator humano foi determinante para a efetividade dos trabalhos da

Engenharia no Haiti. De acordo com um de seus princípios, a Engenharia é empregada como uma arma técnica voltada essencialmente para o apoio à mobilidade e vocacionada, como ficou evidente no caso do Haiti, ao apoio geral, principalmente no que diz respeito à construção (vertical e horizontal) e perfuração de poços.

Nesse sentido, a multifuncionalidade de seus quadros foi fator preponderante em seu processo seletivo, como esclarece BITTENCOURT (2019) “a multifuncionalidade deve ser buscada nos elementos que integram uma Cia E F Paz, principalmente nos momentos em que o efetivo necessita ser reduzido”.

A Figura 2 ilustra a BRAENGCYOY trabalhando na construção de Corimec, uma espécie de alojamento coletivo utilizado pelo componente militar da MINUSTAH.



Fonte: : www.exercito.gov.br/03ativd/missaopaz/minustah/noticias



De forma a não esgotar o tema e ater-se àquilo que este ensaio se propõe, sugere-se a leitura aprofundada das obras ora referenciadas para localizar-se no que se refere às atividades desenvolvidas ao longo do profícuo período em que a Engenharia Brasileira esteve desdobrada em solo haitiano. Apenas para fins de conhecimento, e sem ater-se aos detalhes, alguns feitos do contingente brasileiro de engenharia que atuou no Haiti são listados a seguir:

- construção de estradas,
- perfuração de poços,
- limpeza de vias,
- construção de pontos fortificados,
- construção de bases,
- ações cívico-sociais,
- manutenção de escolas e orfanatos,
- apoio à população (terremoto),
- apoio a contra mobilidade,
- patrulhamento etc.

A seguir, apresentam-se às principais lições aprendidas nestes anos de atuação da tropa brasileira no Haiti, especificamente da Companhia de Engenharia de Força de Paz.

2.2 Preparo

O preparo deve ser definido de acordo com as peculiaridades de cada missão, mas há elementos comuns a toda e qualquer atividade militar que devem ser sempre evidenciados.

Este é um tema de grande relevância e de profunda preocupação do Exército Brasileiro como um todo, pois após a fase de preparo o fator humano é alçado ao convívio de militares de nações amigas. O fator humano, neste caso, é o fundamental.

Verifica-se que a atenção aos ensinamentos da Instrução Individual Básica são fatores preponderantes, pois, procedimentos básicos com o armamento e o equipamento deverão ser conjugados com a operação do material de engenharia.

A Engenharia, por sua vocação de apoio ao combate, provém sua segurança

mínima, mas trabalha, em situações como essa, com segurança proveniente da arma base. No entanto, em algumas situações no desenvolvimento de suas atividades no Haiti, as tropas de engenharia depararam-se com situações em que somente o elemento de engenharia se fazia presente, exigindo desta fração o máximo de seu emprego para manutenção de sua própria vida e do material que conduzia. Isso implica dizer que a execução de missões sob a égide de organismos internacionais sugere, pelo menos, a adaptação da doutrina de emprego para o pessoal inserido no contexto das operações.

Desta forma fica evidenciado que o preparo, além do desenvolvimento do trabalho técnico da Engenharia, deve também enfatizar o fato de que além de estar realizando seu trabalho, o militar será também o ente provedor de sua própria segurança. Para tanto deve estar atento tanto a seu preparo básico como combatente, bem como no tocante às técnicas vocacionadas a missão que desenvolve. Desta forma, estaríamos também cumprindo o que determina a ONU como cita BITTENCOURT (2019):

Em relação à Organização, surge a possibilidade de incluir elementos específicos de proteção da força, como prevê o modelo de organização do Manual de Engenharia da ONU, uma vez que não se admite mais que a Eng não seja capaz de prover a própria segurança. Nesse sentido, futuros estudos são necessários para que se defina o valor e a composição dessa fração, que, segundo a previsão doutrinária da ONU, ainda deve ser capaz de realizar a limpeza de áreas com minas. Verifica-se também que, embora a doutrina atual preveja que o elemento mínimo de emprego seja o Grupo de Engenharia, o emprego mais usual na MINUSTAH foi por equipe especializada, dimensionada de acordo com as características do trabalho a ser executado. Novas pesquisas podem ter como foco a natureza e a quantidade das principais equipes, embora sua constituição possa variar de acordo com a especificidade de cada Missão. (BITTENCOURT, 2019, p. 158).



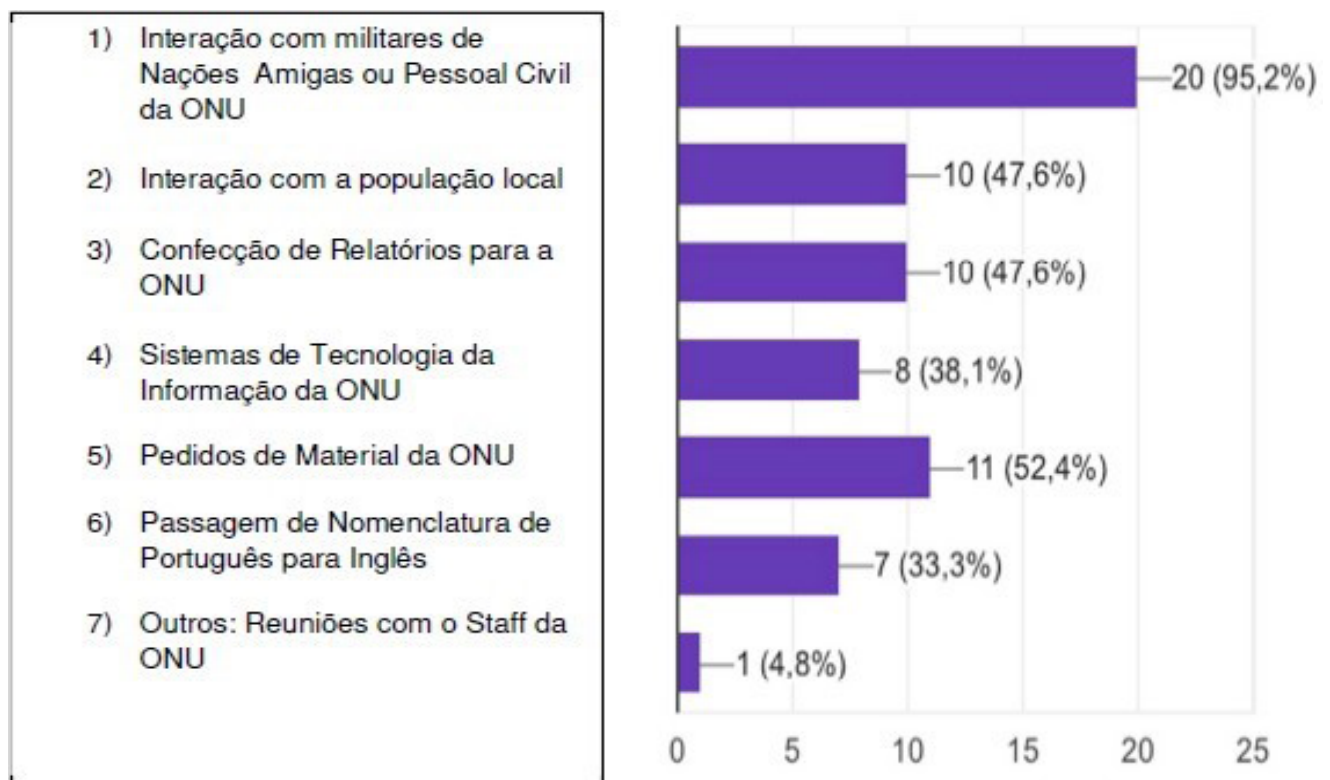
Outro fator que requer atenção é a necessidade dos elementos envolvidos nas diversas atividades serem suficientes no domínio do idioma inglês. O inglês encontra-se presente em todos os formulários, sistemas de tecnologia da informação, pedidos de material bem como é o idioma de interação com militares de Nações Amigas – que trabalham em cooperação e operações conjuntas com a tropa brasileira. Portanto, a comunicação correta é um ponto crucial para o sucesso das missões. (COSTA, 2018).

Em seu trabalho sobre a importância do idioma inglês nas missões de paz, FINIZOLA (2018) observou que “nem todos os militares brasileiros que compõem o efetivo de uma Unidade de Engenharia de Força de Paz são satisfatoriamente proficientes no idioma inglês”.

Além disso, relatou dificuldades que a tropa encontrou para confeccionar pedidos de peças e de insumos para obras, sendo necessário recorrer a aplicativos como Google Tradutor. O resultado era que o material recebido não condizia com a intenção dos pedidos.

A ilustração a seguir representa uma pesquisa realizada com militares que participaram do componente militar da BRAEN-GCOY na MINUSTAH, foi feita uma pergunta aberta aos entrevistados onde estes poderiam elencar quais foram as situações onde foi preciso utilizar a língua inglesa durante a missão. (FINIZOLA 2019).

Figura 03 - Avaliação da amostra em quantidade de respostas acerca da pergunta: Quais foram as ocasiões onde o(a) senhor(a) necessitou utilizar o idioma inglês no decorrer da missão?





2.3 Material

Como parte da tríade de emprego da Engenharia, o material utilizado é fundamental para o cumprimento da missão. Fazendo referência ao item anterior, além do preparo técnico de pessoal, faz-se necessário entender que o material utilizado nas operações também devem estar adequados à proteção da tropa. Essa preocupação parte do pressuposto de que em dado momento há a possibilidade de enfrentamento ou mesmo inquietação por parte de forças adversas. Sabe-se que equipamentos com cabine já são suficientes para trabalhos próximos à base, mas após alguns eventos aventou-se a possibilidades desses equipamentos serem providos de proteção blindada. Como pontua BITTENCOURT (2019) “a situação de segurança no ambiente operacional de uma missão costuma ser volátil, oferecendo riscos ao trabalho técnico da Engenharia caso a fração desdobrada não possua meios adequados ao nível das ameaças”.

Em outra análise BITTENCOURT (2019), verificou-se também uma considerável gama de trabalhos de transporte e movimentação de cargas, trabalho este que envolve risco e exige do militar um elevado nível de adestramento e cuidado. Os trabalhos mais executados com este tipo de material foi a de movimentação de containers, item muito utilizado pela Força e que por vezes não poderia ser movimentado, pois não possuía viatura apropriada para o trabalho e as adaptações, por vezes, traziam avarias.

Destaca-se também a importância do investimento em equipamento individual, voltado ao uso em ambiente urbano, ou seja, que dê mobilidade e conforto ao usuário. O posicionamento do armamento no equipamento individual, por exemplo, deve sugerir o uso em ação reflexa em ocasiões que assim necessitar.

2.4 Doutrina

Há diversos estudos sobre os anos de participação da BRAENGCOY na MINUSTAH

e não há como negar a evolução proporcionada ao Exército nesse período. Desta forma, constata-se a necessidade de adaptação de alguns fundamentos doutrinários.

Neste caso específico a preocupação maior é a respeito da segurança. Os meios de engenharia são nobres devido a sua natureza técnica e são necessários à permanência e a evolução das atividades. Observa-se a necessidade de maior interação com o meio blindado, pois mesmo na situação em que a arma base acompanhava as atividades da engenharia para prover a segurança necessária, o deslocamento dos elementos de engenharia eram realizados por meio de viaturas sem blindagem alguma.

Aqui não se sugere, de maneira alguma, adentrar na missão da Cavalaria como arma base, mas busca-se refletir sobre as capacidades que o meio blindado possibilita à tropa que o utiliza.

3 CONCLUSÃO

Fica evidente, diante do exposto, que a MINUSTAH trouxe demasiados ganhos ao emprego da Engenharia do Exército Brasileiro, pois o período que compreendeu sua participação nesta missão suscitou aos elementos da arma a constante atualização dos procedimentos a cada novo contingente. Vimos a necessidade da especialização dos militares, da modernização dos meios e a maior interação com o meio civil para melhor desempenhar o papel de mantenedores da paz. Por outro lado, percebeu-se também a necessidade de atualização de determinados procedimentos e a quebra de certos paradigmas.

Das soluções que se pode apresentar uma é a utilização de todo o vasto repositório de trabalhos realizados por militares que compuseram o efetivo da BRAENGCOY para, a partir de um trabalho centralizado, buscar adaptar a doutrina de emprego da Engenharia às operações de paz. Um exemplo é composição de meios, pela necessidade de segurança, como a possibilidade de dotação de armamento que proporciona maior poder de



dissuasão como a metralhadora MAG por exemplo. Outro exemplo seria a dotação do meio blindado, que oferece proteção aos deslocamentos da tropa.

Em outra análise, mesmo sabendo que a busca pelo auto aperfeiçoamento é de interesse particular, nota-se a necessidade de uma maior disseminação sobre a importância do segundo idioma, tanto para bem cumprir suas missões como para a valiosa interação com a comunidade. Para tanto cursos poderiam ser disponibilizados para todos os miliares selecionados para a missão.

Portando, diante da grande projeção que o Brasil alcançou, por conta da exitosa participação de militares brasileiros na MINUSTAH, é imperioso que avaliemos de forma criteriosa todas as fases da missão, extraindo as mais diversas possibilidades de aperfeiçoamento, para que a engenharia seja mais bem empregada nas futuras missões.

REFERÊNCIAS

A diplomacia brasileira na construção da democracia e paz: perspectivas a partir do caso do Haiti. Mariana Cesti Raffa. Amanda Amador Manrique Queiroz Braga. Heloisa Helena de Almeida Portugal.

Carlos Vinícius Ottoni Bittencourt, A readequação das capacidades de engenharia ao longo das fases de uma operação de paz: um estudo sobre a missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti, 2019.

Costa, Thiago Finizola. A importância do idioma inglês nas Missões de Paz.. 2018.

Brasil. Manual de operações de paz. Ministério da Defesa. 2013.

Miranda, A. L. N. A pacificação de Bel Air. In: HAMANN, E. P.; TEIXEIRA, C. A. R. (Orgs.). A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões. Rio de Janeiro: CCOPAB; Instituto Igarapé, 2017.

Operações de pacificação no exterior sob a égide de organismos internacionais : a companhia de engenharia no Haiti (BRAENGCOPY). Figueira, Guilherme Souza. 2018. <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/4291>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Carta das Nações Unidas. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2021-08/A-Carta-das-Nacoes-Unidas.pdf>

Revista da Companhia Brasileira de Força de Paz, 23º Contingente. Disponível em: <https://pt.calameo.com/exercito-brasileiro/read/0012382061af9b71fb887>.

TEIXEIRA, C. A. R. Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil: história e perspectivas pós-MINUSTAH. In: HAMANN, E. P.; TEIXEIRA, C. A. R. (Orgs.). A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé; CCOPAB, 2017.

VIEIRA NETO, F. P. Epopeia militar brasileira no Haiti. In: HAMANN, E. P.; TEIXEIRA, C. A. R. (Orgs.). A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões. Rio de Janeiro: CCOPAB; Instituto Igarapé, 2017.